

12-23-2009

# Desigualdades de Classe, Gênero e Saúde nas Cidades

A Ludermir

Follow this and additional works at: [https://digitalrepository.unm.edu/lasm\\_cucs\\_pt](https://digitalrepository.unm.edu/lasm_cucs_pt)

---

## Recommended Citation

Ludermir, A. "Desigualdades de Classe, Gênero e Saúde nas Cidades." (2009). [https://digitalrepository.unm.edu/lasm\\_cucs\\_pt/80](https://digitalrepository.unm.edu/lasm_cucs_pt/80)

This Article is brought to you for free and open access by the Latin American Social Medicine at UNM Digital Repository. It has been accepted for inclusion in Portuguese by an authorized administrator of UNM Digital Repository. For more information, please contact [disc@unm.edu](mailto:disc@unm.edu).

**Ludermir A. Desigualdades de Classe, Gênero e Saúde nas Cidades. PHYSIS Revista de Saúde Coletiva (Rio de Janeiro, Brasil) 2008; 18(3): 451-467.**

**Objetivos:** Discutir o vínculo entre os transtornos mentais comuns e as desigualdades de classe e gênero; assim como descrever os desafios que estes problemas propõem àqueles que formulam políticas para o atendimento da saúde mental.

**Metodologia:** Analítica descritiva.

**Resultados:** A autora afirma que tanto as desigualdades de classe como os problemas de saúde mental estão determinados pelas condições materiais da vida e da estrutura ocupacional das pessoas. Este vínculo explica a magnitude e distribuição da doença mental numa população determinada. Para aplicar sua proposta no estudo de populações latinas e anglosaxônicas, a autora introduz na análise quatro indicadores de desigualdade social: 1) nível educativo; 2) desempenho e informalidade; 3) renda; e 4) vínculo entre classe social e transtorno mental.

Deste modo, a autora aponta que o nível de escolaridade influencia nas opções de acesso aos postos de trabalho, onde ficam em desvantagens aqueles que não concluíram seus estudos por carência de recursos. A insegurança laboral é mais frequente nestes últimos, o que os convertem em más inclinações ao desemprego ou à informalidade. As mulheres, particularmente, ao detentar menores níveis de educação e oportunidade de emprego qualificado, percebem baixos salários e escassos benefícios sociais, os que lhes levam a maior ansiedade e depressão por causa de tais carências. A falta de dinheiro e as condições precárias de vidas comprometem definitivamente o estado de saúde mental, parecendo mais agravado no setor feminino.

A autora identifica assim a prevalência de ansiedade, depressão e baixa autoestima entre as mulheres trabalhadoras ou as pertencentes a lugares de ingressos limitados. O escasso controle que as mulheres exercem sobre seus meios de vida, assim como a desvalorização dos trabalhos domésticos, enfatizam sua situação de desigualdade social. Por outro lado, as relações assimétricas de poder entre homens e mulheres intensificam o conflito doméstico e as relações afetivo-sexuais, que geralmente expressam-se como violência dirigida à mulher. Para a autora, a violência exercida contra a mulher produz um efeito devastador em sua autoestima, o que lhe induz ao uso de antidepressivos e tranquilizantes. A discriminação, insulto, maltrato, humilhação e degradação de que é objeto compromete sua capacidade de reação e perpetua sua subordinação ao homem. Por sua vez, a violência doméstica cultiva o sentimento de onipotência do agressor e gera sentimentos de derrota na pessoa agredida. **Conclusões:** A análise da desigualdade social segundo uma perspectiva de classe e gênero permite descobrir as relações de subordinação e domínio nos lugares e sítios de trabalhos e as doenças mentais associadas. A desigualdade gerada é sobretudo contra as mulheres, que adoecem de maiores níveis de depressão, humilhação, inferioridade, falta de autocontrole e impotência. A autora propõe assim a inclusão destas variáveis na análise das desigualdades para assim lucrar melhores políticas preventivas da saúde mental.